

JORNAL: _____

LOCAL: GUA NABARADATA: 1 12/1950AUTOR: C. D. A

TÍTULO: _____

ASSUNTO: V EXPO INFANTIL - TEXTO ABREVIADO DO CATALIVAN: DESEJO VÊ-LOS FELIZES

Imagens da infância

CRIANÇAS PINTAM

Texto (abreviado) para o catálogo da V Exposição de Pintura de Crianças, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: No barracão do Museu de Arte Moderna, onde as produções infantis aguardavam o momento de exposição, perguntei ao professor Ivan Serpa que pensamento o guiava no trato com os alunos, e ele me respondeu: "Desejo vê-los felizes".

Todos estão convidados a contemplar com olhos desprezados esta sucessão de pintores de 4 a 14 anos, que apenas vislumbram a pintura como gênero artístico mas a vivem e praticam como forma, entre tantas outras, de linguagem cotidiana, expressão de conteúdos psíquicos, desaguadouro de emoções concentradas no mais puro e refochado de cada um. Por cima do desenho básico, as cores relumeantes, tão do agrado deste povinho, ora valendo como simples recurso ornamental, ora constituindo elemento integrante do objeto figurado, ora ainda servindo simultaneamente a esse duplo fim, dão idéia do que são nossas crianças de hoje, tão parecidas com as de todos os tempos em todos os países ("a arte infantil não chega a assumir, em parte alguma, caráter nacional": Hebert Read), e ao mesmo tempo tão diferentes de quaisquer outras, e até cada uma de si mesma, em dois flagrantes sucessivos, pois cada boneco esboçado por uma criança no mundo inaugura um novo mundo dentro do existente, e não há filosofias ou psicologias pragmatistas que logrem reduzir a esquemas fixos os processos criadores e renovadores da infância, tornando-os simples reações à provocação de influxos externos.

No meio desses garotos e garotas que se divertem distribuindo óleo sobre tela ao sabor da imaginação, e que explicam a seu modo o sentido de cada pintura, não nos preocupemos em pressentir o

futuro artista que abalará a sensibilidade geral e incorporará novas formas e conteúdos afetivos ao repertório plástico de hoje. Não é este o fim do curso de arte espontânea: fabricar um artista. Mas, por outro lado, tem ele o condão de impedir que o eventual artista deixe de realizar-se a seu tempo por um inadequado convívio com os meios de expressão plástica oferecidos a todos os homens, tanto normais ou excepcionais. Quanto mais não seja, ao sair desta escola que não lhe propõe uma ordem, mas lhe sugere a liberação de bens naturais, o adolescente adquiriu os meios e modos de participar da beatitude da contemplação artística, penetrou no segredo das relações entre espaço, forma e cor, aprendeu a ver, ciência difícil. É a lição de Lúcio Costa, ao recomendar uma educação artística "entendida não com propósitos de requinte cultural, mas como o pão e o vinho eram para os antigos, ou seja, visando atender as necessidades humanas fundamentais".

... Socorrendo-nos de verdades provisórias de psicologia e antropologia cultural, chegaremos a entender um pouco a linguagem das manifestações plásticas da criança que já fomos e de que perdemos consciência. Um pouco. O resto há de ser invenção do amor, esse mestre da boa vontade, embora corramos o risco de ver o que não existe, e de omitir o que está claro. Não importa. A força de contemplar, observar e permitir o livre curso da aventura mental e manual, o adulto acabará por compreender o que lhe dizem as crianças. Isso o reintegrará em suas fundações e talvez o habilite a tornar menos dura a vida dos pequenos, inclusive a dos mais felizes. Não são pintores, não são poetas estes meninos: são meninos, o que é muito mais misterioso, por absurdo que pareça — e também muito mais delicioso.

C. D. A.